



JK

“

Por que
construí
Brasília

”

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VII

Nº 91/96

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Dez anos de

Lei Orgânica

O eldorado

A cidade derrama-se em luzes. Festa de luzes. "É o centro das grandes decisões nacionais", dizem. Esplanada dos Ministérios. Vazia. Não que isso seja incomum aqui. Geralmente não se vêem pessoas neste lugar. Mas há a profusão dos carros no eterno ir e vir. Agora se faz silêncio. Paz aparente.

A grama verde. Iluminada. Há uma magia no ar. Vinte e três de dezembro. Alabrados aqui e acolá. Ali, os Santos Reis. Reis de que mesmo? Nem sei. Mas eu acredito. Melhor crer no que não se vê. No que não se tem provas. Esse é o grande mistério. É a força motriz da humanidade. Crer sem ver. Não com os olhos carnisais. Só com os olhos da fé. Mas o homem necessita tornar visível o que ele crê. Assim com tudo. Ali estão os três reis santos: Belchior, Gaspar e Baltazar. São esses os nomes. Qual



desse será quem? Sei não. Tenho que levantar a cabeça para ver-lhes os rostos. Quanto terão de altura? Três metros? Mais? Sei não. Meu irmão João quando os viu exclamou: - É cada cavalo de santo! Eles estão a pé, eu disse. Mas meu irmão tem o cavalo como medida de grandeza.

A baiana do acarajé permanece ao lado de suas guloseimas. Quem sabe apareça algum saudosista da comida da terra? Tanto baiano, tantos nordestinos nesta cidade e nenhum veio prestigiá-la nesta noite. Amanhã é Natal. Já não chega viver longe de sua terra onde eram tantas as festividades natalinas? Olha pros bolinhos, pro vatapá, pras cocadas...

O homem da pipoca cochila ao lado do carrinho. Teme sair e perder algum possível freguês. Olha-me de esguelha. Cruz credo! Quero pipoca não. Hoje não.

E eu que pensei encontrar tanta gente por aqui! Pus até roupa nova! Roupa comprada pra ir pra Minas! Mineiro valoriza muito o traje. Mais que o monge. Vim aqui tentar espantar essa dorzinha de nada que brotou em meu peito. Funda. Dói! Dói de fazer doer; já dizia Pagu, a rebelde. Será isso a famosa solidão de Brasília? Saudade de nada. Ou de tudo. Mas é saudade, eu sei.

Um vento entojado começou a soprar. Esfria-me as pernas desnudas joelho abaixo. Que tinha eu que vir aqui quase meia-noite? Amanhã é véspera de Natal. Daqui a pouco já será. Sou tão dividida! Sou lá e cá.

Perambulo pela Esplanada. Olho para a Catedral. Uma igreja no topo do mundo. Longe dos fiéis. Ali. Sozinha. Com as mãos em prece. Pensando bem, essas



mãos em prece foi o que sempre ouvi dizer mas eu mesma acho que ali são garras afiadas para agredir o céu. Ou, quem sabe até para se defenderem do céu?! Não dizem que o Niemeyer é ateu? Por que então ele haveria de pensar em prece quando a projetou? Certa feita vi uma entrevista dele em que afirmava que os pais lhe haviam ensinado todos os caminhos, menos o consolo da fé. Mas isto é lá com o Oscar Niemeyer. Não comigo. Tenho fé. Acredito. Principalmente no que não vejo.

Volvo meu olhar. Aquelas réplicas dos quatro evangelistas do Aleijadinho são a imagem da desolação, da indagação. Angústia. Que mais se poderia esperar de

um artista barroco? Há o campanário. Quatro sinos. Um senhor que a gente sempre encontrava na Catedral me disse uma vez que eles se chamam: Santa Maria, Pinta e Nina, em homenagem às três caravelas de Colombo. Mas há um quarto, eu disse. Oh, aquele pequetito é o Pilarica, homenagem a Nossa Senhora do Pilar. Ele me disse também que, pela inauguração de Brasília, governantes do mundo inteiro enviaram presentes. A Itália doou a estátua da loba com os gêmeos Rômulo e Remo, criados por uma loba. A França doou uma escultura (O Imigrante, segundo o artista) mas como ninguém a entendeu, e é enorme, colocaram-na logo na entrada de Brasília, a céu aberto. O artista não

gostou. Está lá toda pichada. Mas também, onde iam arrumar lugar para colocar aquele mundaréu de coisa que ninguém entendeu? Eu, particularmente, acho-a muito parecida com Brasília. Pergunte não. Sei não porquê. O senhor da igreja (se fosse em Ventania eu diria que é o sacristão; aqui, tudo muda de nome...) É, ele me disse que o navio que trazia os sinos, doação da Espanha, afundou. E foram precisos muitos anos para se fundir novos sinos. Por isto só há pouco tempo foram colocados aqui. Sei não. E se não sei, acredito.

Volvo meu olhar para o Conjunto Nacional. Meu cunhado até hoje enche a boca para dizer: "Conjunto Nacional!" Fora de brincadeira, este Conjunto já foi a grande vedete aqui. Tudo que era parente ou amigo que vinha de longe e a gente ia mostrar-lhes a cidade, o Conjunto Nacional era parada obrigatória. Hoje com tantos *shoppings* (mania de nome estrangeiro, por que não dizer Centro Comercial?) vá lá, com tantos *shoppings* modernos, ainda gosto de visitar o Conjunto Nacional, fazer compras. Tem história.

Vejo a Rodoviária. Por que chamam as rodoviárias de "terminal"? Ora, uma rodoviária é o lugar mais vivo de uma cidade. É gente que chega, é gente que sai, é gente que passa, que conversa, que come, que pede, que dorme, que espia, que se cumprimenta, que se despede. Hoje esta rodoviária ficou tão

longe! Principalmente para o povo das cidades-satélites. Aliás, sem elas, as satélites, Brasília não seria Brasília. Creio que já são 18. Tem algumas com mais habitantes que certas capitais brasileiras. Mas o Brasil não sabe. Brasil afóra, Brasília é sinônimo de político safado. E como xingam! Dói de ouvir pois aqui mora um povo ordeiro e trabalhador. Vindos de todos os recantos do Brasil. E do mundo. E olha que tem bons políticos também. Poucos, mas tem. Brasília é tudo: Plano Piloto e satélites. Se desvincula, não é Brasília. O povo mora longe da Rodô-ferrô, como dizem em minha casa. Mineiro tem preguiça com as palavras. E a Rodô-ferrô (rodoviária ferroviária) ficou longe. Isolada. Martírio para quem não tem quem

lhe leve ou espere de carro. Bobagem minha. Pensamento é assim; voa. E a grama em que me assentei, molhou-me os fundos. Minha roupa nova! Ligo não. Vou caminhar um pouco. Logo seca. Se tivesse quente... mas hoje há um friozinho.

Esplanada dos Ministérios. Quando a vi pela primeira vez, deu-me um banzo! Achei aqueles prédios comportadinhos, em fila, parecendo menino de escola esperando para tirar fotografia. Emanuel, um amigo, achou a idéia engraçada e quis poetar com ela. Mentira minha, Emanuel. Meninos de escola em fila sorriem, tagarelam. Esses aqui estão silenciosos. Tristes. Isolados.

Para que tanta luz iluminando ninguém aqui? E as estradas que levam a cada satélite, maioria também é iluminada! Uma noite de luz no Distrito Federal dá para eu gastar a vida inteira.

Gosto desta Esplanada é no dia de *Corpus Christi*. Gente demais. De aqui e de alhures. Talvez seja o único dia em que este lugar se humaniza. Fusão de soques, de trajés, de gostos. Mães





que trazem os filhos. Algumas até os cachorros. O lanche. Outras o trazem de casa. Os vendedores. Guloseimas diversas. Do Oiapoque ao Chuí, aqui. O altar suspenso. Arcebispo. Bispo. Autoridades. Povão. Tudo acontece na grama. Poucos prestam atenção às rezas, embora haja microfones por todos os lados. É que não dá para ver o altar de longe. Tão longe... Tanta gente... E a comilança rola solta. Mas há o momento da comunhão. Nesse, os cânticos são conhecidos de todo o Brasil. "Coração Santo, tu reinarás..." Lágrimas. Emoção. "Queremos Deus, homens ingratos..." "A nós descei." Momento de fé. Ministros e padres vêm ao gramado distribuir a hóstia santa. O povo se emociona. É um momento muito dele, o povo. Políticos estão longe. Principalmente aqueles que conhecem Brasília da janela do avião, que aqui chegam na terça e na quinta se vão. E aí Brasília é toda nossa que aqui moramos. Gente de todo canto: Taguatinga, Gama, Cruzeiro (velho e novo), Sobradinho, Núcleo Bandeirante, Samambaia, Planaltina, Brazlândia, Guarã I e II, São Sebastião, Santa Maria, Riacho Fundo I e II, Recanto das Emas, Setor Sudoeste, Octogonal, Ceilândia, Asa Sul, Asa Norte, Lagos Sul e Norte,

Vicente Pires e zona rural. Meus Deus, é gente pra não acabar. E todos cantando. Sempre chorei nesse momento. Só de lembrar, choro.

E o governo (O GDF - Gedeeefe - para nós ele nunca tem nome, é sempre o GDF) até que se esforçou para este Natal. Está bonito isto aqui. Mas cadê o povo, aquele do *Corpus Christi*? Lá do Mirante da Torre a Esplanada é sempre um cartão postal ao vivo. Pena que esteja fechado agora. Poderia ir lá... São 24 horas do dia 23. Já é Natal, praticamente. Olho, suspiro e fico imaginando que todo brasileiro deveria conhecer Brasília; a oitava maravilha do mundo moderno. Não sei quais são as outras sete. Nelly Novaes Coelho me disse que nunca soube quando acontecem as calendas gregas, mas que costuma adiar seus compromissos para o tempo das calendas. Também não sei das sete maravilhas, mas sei que Brasília é a oitava.

Brasília, estou te deixando depois de 25 anos. Como professora trouxe muitos sonhos e medos em minha bagagem. Foi muito trabalho. Muitos que ensinei são hoje jornalistas, médicos, professores, políticos, comerciantes... Valeu a pena? O Fernando Pessoa, grande poeta, disse que tudo vale a pena. Então a gente fica assim a valer. Regresso para Mi-

nas, mas, Brasília, eu te amo e vou te amar sempre. Verdes canaviais de Passos. Serras e pedras da Ventania me esperam. Aposentei-me. Já não tenho a juventude que esta cidade requer. No interior de Minas quero me assentar na idade e cochilar na espera. Ver quem passa, por que passa, aonde vai, por que vai, com quem vai. Saber se a vizinha passou bem de ontem, tomar café da tarde com amigos, fazer quitanda, bater longos papos, me enraizar no tempo.

Lá, a "irredutível" demora a chegar e, quando chega, velórios concorridos, virtudes destacadas, lembrança pranteada.

Se estou indo lá pra morrer? Que é isso, Brasília; se aquiete. Está me estranhando? Estou indo justamente para viver. Que faria eu sem trabalhar, em um apartamento pequeno, sem a presença diária de alunos e colegas? Melhor sair de cena. Mas eu lhe agradeço, Brasília. Houve uma troca entre nós. Eu lhe dei meu trabalho, você me ensinou muito sobre o Brasil; seus usos, seus costumes. Aqui aprendi a abrir meu coração e a aceitar cada pessoa como ela realmente é. Deixo amigos queridos e a certeza de que sempre voltarei. Um beijo, Brasília.

Pego o carro e saio com um ar de quem vai ali e volta já.